



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ENSINO DE HISTÓRIA E AMÉRICA LATINA
- ESPECIALIZAÇÃO**

**PAISAGEM AGRÁRIA NO TERRENO DA ARTE
HISTÓRIA, ENSINO E ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL ZUMBI DOS
PALMARES - MST**

FLAVIANA LAGE DOS SANTOS

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA E
AMÉRICA LATINA**

**PAISAGEM AGRÁRIA NO TERRENO DA ARTE
HISTÓRIA, ENSINO E ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL ZUMBI DOS
PALMARES - MST**

FLAVIANA LAGE DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de História e América Latina.

Orientadora: Prof. Doutora Ana Rita Uhle

Foz do Iguaçu
2022

“Para escrever é preciso escutar o mundo.”

Maria Vilani Gomes

FOZ DO IGUAÇU

2022

RESUMO

Considerando as artes visuais uma modalidade interdisciplinar, pois se alimenta da compreensão de outras disciplinas em sua estrutura e se abastece delas no processo criativo, verifica-se que muito do que se apreende em arte necessita de fatores históricos para identificar a produção. Desse modo, acionando a arte visual como ferramenta de representação imagética social e da memória, a partir de suas diversas linguagens, pensando em sua função expandida de registro, o interesse é encontrar os impactos da construção e história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no ensino de artes visuais da escola municipal Zumbi dos Palmares, em Cascavel, propondo uma observação imagética além da escrita. Essa investigação, devido à pandemia do COVID-19, se consolidará a partir da escuta de professores de artes, atuantes na escola, proporcionando um entendimento de como ocorrem as aulas de artes na forma estável, se dirigindo a pandemia de forma ligeira e eventual, frisando que as aulas estavam interrompidas a mais de um ano. Também a partir da visualização de trabalhos criados por estudantes, paralela ao entendimento da organização curricular da escola do campo e consolidação dos conceitos de educação artística evocados pelo *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*. Uma vez que a luta por reforma agrária carrega em si o corpo como instrumento principal da própria luta, visto o deslocamento territorial propondo o cruzo entre pensamento e prática; a dinâmica itinerante do MST em suas ocupações; a construção coletiva dos ambientes educacionais; o espaço de cultivo com a modificação de paisagem - sendo este dessemelhante ao território que estamos acostumados a ver uma escola - ; tem-se oportunidade de verificar alguns impactos na condição da aprendizagem da arte.

Palavras - chave: educação; artes visuais; história; MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

RESUMEN

Considerando las artes visuales una modalidad interdisciplinar, ya que se alimenta de la comprensión de otras disciplinas en su estructura y se nutre de ellas en el proceso creativo, puede verificarse que mucho de lo que se aprende en el arte necesita factores históricos para identificar la producción. De esta forma, utilizando el arte visual como herramienta de representación del imaginario social y de la memoria, partiendo de sus diversos lenguajes, pensando en su función ampliada de registro, el interés es encontrar los impactos de la construcción y la historia del *Movimento Sem Terra* en la enseñanza de artes visuales de la escuela municipal *Zumbi dos Palmares*, en Cascavel, proponiendo una observación del imaginario más allá de la escritura. Esta investigación, debido a la pandemia del COVID-19, se consolidará a partir de la escucha de los docentes de arte que trabajan en la escuela, en los últimos 15 años, y también a partir de la visualización de trabajos creados por estudiantes, paralelamente a la comprensión de la organización curricular de la escuela de campo y la consolidación de los conceptos de educación artística evocados por el *Movimento dos Trabalhadores Rurales Sem Terra* (MST). Viendo que la lucha por la reforma agraria lleva en sí el cuerpo como principal instrumento de la propia lucha, dado el desplazamiento territorial para proponer el cruce entre pensamiento y práctica; la dinámica itinerante del MST en sus ocupaciones; la construcción colectiva de entornos educativos; el espacio de cultivo con la modificación del paisaje - siendo a diferencia del territorio que estamos acostumbrados a ver en una escuela - ; se tiene la oportunidad de verificar algunos impactos en la condición del aprendizaje del arte.

Palabras clave: educación; artes visuales; historia; MST - Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. HISTÓRIA EM MOVIMENTO, MEMÓRIA DE ENSINO	9
2.1. Direito à terra e a luta por ela	10
2.2. Política, educação e história da Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares	11
2.3. Relatos e feitura de um ensino volante	18
2.4. Disciplina de artes visuais no plano de uma professora Sem Terra e a configuração do estado da educação	22
2.5. A produção artística dos estudantes	26
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
4. REFERÊNCIAS	34
ANEXO I - Entrevista com professoras de artes do MST	37

1. INTRODUÇÃO

O ensino no Brasil, de um modo geral, está intimamente ligado a contextos históricos, tanto na dimensão da identidade, quanto na dimensão política. Não é à toa que livros didáticos e bases curriculares são constantemente atualizados ou modificados ao longo da existência da instituição escolar. Nestas condições, as artes visuais, linguagem incluída como indispensável na estruturação curricular a partir da lei Nº 13.278, de 2 de maio 2016, onde lê-se “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016), torna-se campo de disputa de narrativas e variavelmente estabelece relações que culminam no desenvolvimento de leituras particulares de mundo.

Na identificação de uma cultura escolar, que sustém de fatores materiais, espaciais, organizacionais e legislativos; entendendo o livro didático como principal fonte de apoio a professores e estudantes; reconhecendo que territórios e culturas divergem e determinam experiências, e devem ser contextualizados para dar conta de um ensino plural e honesto com a proposição do que seria educar; a intenção aqui é elevar alguns pontos sobre o ensino de artes visuais e sua relação com a história, a partir da vivência de educadores artísticos, da escola do campo Zumbi dos Palmares fundada e constituída no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Alguns pontos me interessam para esta investigação: a) o impacto da história e estrutura do MST no ensino de artes visuais; b) a organização curricular e referências de uma escola do campo *versus* a concepção generalizada do que seria ensinar arte e a partir de quê; c) as compreensões históricas construídas a partir da produção artística na comunidade; d) reconhecer métodos de ensino de arte advindos de estruturas diferentes das comumentes abordadas.

A rotina em uma escola auxilia na percepção de fatores estruturais do ensino. Entendendo isso, pensei como ponto de partida a história de uma escola. Essa história pode ser apropriada pela cultura escolar, marchetada junto ao cotidiano. Por quem foi construída, onde, para quê, o significado de seu nome e até suas fases de recepção estrutural dos estudantes. Estamos falando de patrimônio também.

Até aqui, reflito sobre quais escolas ou que tipos de escolas temos acesso ou interesse pela rotina? Uma homogeneização colocada pela autora Diana Vidal dá-se pela concretização e divulgação de estudos que contemplem a escola regular estruturada nas cidades e prescritas sobre uma arquitetura consolidada. A autora atenta sobre a “cultura material escolar”, onde explana objetos, formas e detalhes que constituem o costume escolar, identificando, por exemplo, o número de linhas de um caderno ou fato das cores de caneta determinarem códigos, como vermelha para correção e azul para execução de atividade. Chegamos aqui a uma proximidade sobre o que será feito nas escolas e possíveis práticas docentes no ensino de arte do MST para provocar diferentes rotinas e códigos, reproduzindo o meio social - e vive-versa? -. Porém, parte desse estudo pretende partir da história dessa escola, da integração de professoras ouvidas, sobre como se faz o cotidiano artístico com estudantes de assentamentos e acampamentos.

A primeira necessidade deste projeto foi ouvir coordenadores de educação e professores do MST para identificar a escola mais próxima da cidade de Foz do Iguaçu, prevendo visitas ao local. A mais próxima estaria em Cascavel, cidade onde foi efetivado o MST, mais precisamente na comunidade-distrito de São Salvador. Porém, diante da incerteza da pandemia, no ano de 2021, os deslocamentos para uma pesquisa *in-loco* seriam arriscados. A escola estava com as aulas cessadas; as professoras em condição de afastamento por situações de risco e, também, a vacinação se iniciava, mas com várias questões de cuidados ainda persistentes. A dificuldade da pandemia me impedia de acessar o cotidiano pelo meio presencial, isso também estava ocorrendo com alunos e trabalhadores da escola, ou seja, o estado educacional não era estável para análises tão pontuais. Adentrar no assentamento figura a forma fundamental, já que trato de paisagem, mas há também questões dos impactos sobre uma paralisação forçada nas ações da escola, por mais que atividades e orientações estivessem sendo entregues aos estudantes, que circundam as percepções pedagógicas que estariam fora de alcance na presente condição. É possível que esteja documentando uma experiência anterior à pandemia e identificando pontos norteadores para o retorno regular, associado a práticas que por si mesmas auxiliam o movimento de interpretação do estado da educação durante a covid-19.



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Escola+Municipal+Zumbi+dos+Palmares!8m2!3d-25.0290363!4d-53.3141878>

Foi-se delineando o contato com a diretoria da Escola Municipal Zumbi dos Palmares até chegar às professoras de arte. Já que esbarramos na cultura escolar¹, é importante mencionar que as duas professoras contactadas estavam em período de gestação e não estavam comparecendo à escola pelos riscos da pandemia. No início dessa pesquisa, como já descrito, nem mesmo as aulas presenciais haviam retornado. Tendo em conta esta situação, e já com as conversas iniciadas por aplicativo de mensagens instantâneas, houve demanda por conhecer a organização curricular de artes e acessar os planos de aula. Uma mudança nos livros didáticos e reforma no ensino pelo governo federal e estadual gerou conflitos nas condições das aulas do campo. Trata-se da BNCC - Base Nacional Comum Curricular e do CREP - Currículo da Rede Estadual Paranaense, que veremos mais à frente os impactos. Discorrer sobre isso foi fundamental para conhecer iniciativas de ensino, aperfeiçoar pedagogias e compreender professores do MST como criadores de uma linha educacional original, que se manifesta de forma exemplar na comunidade que atende, entendendo a esfera de precariedade e ao mesmo tempo de luta. Em consonância com o referencial histórico e também da condição do sentido de artes visuais, outro recurso será considerado, desta vez visual, abrangendo uma reflexão de

¹ Aqui interioriza-se cultura escolar como tudo que envolve o ambiente escolar, as ações de estudantes, docentes, administradores e trabalhadores em geral, além da materialidade e estruturação.

Vidal (2009, p. 36) sobre a fonte fotográfica permitir “apreciar como os sujeitos lidaram com as imposições e construíram seus percursos individuais e coletivos no interior da escola.”.

Considerando a disciplina de artes uma modalidade interdisciplinar, pois se alimenta da compreensão das outras disciplinas em sua estrutura e, também, dialoga com elas para abastecer a criação dos estudantes, muito do que se estuda compreende fatores históricos para revelar a produção artística. O MST é um dos maiores movimentos sociais ativos da América Latina, presente em 24 estados nas cinco regiões do país. Sua luta é pela reforma agrária, ou seja, redistribuição de terras para cumprir sua função social, de acordo com a legislação brasileira. A lógica do MST é pensada principalmente a partir do direito à educação. São mais de duas mil escolas públicas construídas em *acampamentos* e *assentamentos* - que mais a frente saberemos a diferença desses dois processos - (MST, 2022).

O Brasil é um dos países com maior concentração de terras do mundo. Em nosso território, estão os maiores latifúndios. Concentração e improdutividade possuem raízes históricas, que remontam ao início da ocupação portuguesa neste território no século 16. Combinada com a monocultura para exportação e a escravidão, a forma de ocupação de nossas terras pelos portugueses estabeleceu as raízes da desigualdade social que atinge o Brasil até os dias de hoje. (MST, 2022)

Desse modo, acionando a arte visual como possível ferramenta de representação imagética social, a partir de suas diversas linguagens, pensando em sua função expandida de registro; o interesse é analisar os impactos da história - esta também do presente, visto que, muitas vezes só se busca a história no passado - do MST, no ensino de artes visuais e ponderar imagens criadas pelos estudantes durante as aulas; registros fotográficos da escola, dos assentamentos e acampamentos; registros fotográficos de estruturas básicas das ações do MST.

Paradoxalmente, registros da inventividade, a partir de todos esses processos, serão considerados refletindo apenas o campo da mediação docente nas artes, abastecendo a infinitude que são os processos artísticos que nem sempre estarão à mercê da história. Porém, no que tange a potência dos registros imagéticos, especialmente nas artes, há de se considerar várias nuances trazidas pela historiadora Lilian Schwarcz entrevedo as ligações com o contexto. A autora entende o auxílio das imagens na forma das percepções coletivas e na criação de conceitos, já que seleciona registros de realidade. “É certo que não há maneira (e

muito menos razão) de evitar entender as imagens inseridas em seus contextos. Mas também não há como tomar diante delas um partido neutro, naturalizado. Imagens têm autoria, tempo e agência.” (SCHWARCZ, 2014, p. 394). Uma vez que a luta por reforma agrária carrega em si muito mais que escritas e legislações sobre o tema, mas o corpo como instrumento principal da própria luta, visto o deslocamento territorial para propor o cruzo entre pensamento e prática; a construção coletiva dos ambientes educacionais; o espaço de cultivo; a paisagem vazia preenchida por camponeses e camponesas ao longo dos dias, em si mesmos carregados de memória; há impactos diretos na condição do ensino onde desembocam livro didático, organização curricular da escola do campo, sistema de vida e da arte. Meu objetivo é aprender com o MST.

2. HISTÓRIA EM MOVIMENTO, MEMÓRIA DE ENSINO

2.1. Direito à terra e a luta por ela

Na década de 1950, no Nordeste, houve uma conflagração de trabalhadores rurais em luta por melhores condições na atividade na terra. Esta movimentação foi popularmente denominada Ligas Camponesas e suas ações foram primordiais para gerar a agenda de reforma agrária no Brasil. Iniciado no engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, nos limites da região do Agreste com a Zona da Mata de Pernambuco, onde se encontravam 140 famílias de foreiros², nos quinhentos hectares de terra de engenho que estavam desativadas; o movimento foi criado no dia 1º de janeiro de 1955 e autodenominou-se Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP)(CAMARGOS, s.p.).

Posteriormente se alastrou em outras regiões do Brasil, exercendo intensa atividade no período que se estendeu até o golpe de estado sobre João Goulart em 1964. Além das ligas, uma série de fatos no Sul, no Sudeste e também no Centro-oeste do Brasil, durante a década de 60 e 70 culminaram na criação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Caldart (2004) afirma que grande parte desses acontecimentos foram desencadeados pela ameaça de pecuaristas que exploravam agricultores e suas plantações e também pela

² Foreiro é aquele em que o proprietário do domínio útil, pode utilizar o imóvel como se seu fosse, através do pagamento de uma pensão anual chamada FORO ao proprietário do domínio direto.

industrialização de certas regiões, como o caso da construção da Usina de Itaipu na região da tríplice fronteira, gerando expropriação de terras, sem indenização ou mesmo consenso com as comunidades urbanas e originárias locais, consequências também oriundas da ditadura militar. Nessas circunstâncias, vários grupos oponentes a essas invasões foram formados para exigir direitos sobre a terra.

De acordo com os próprios relatos, registros e fontes do MST - que utilizarei exaustivamente entendendo o protagonismo de sua história - em 1984, na cidade de Cascavel, Paraná, acontece o 1º Encontro Nacional onde foi fundado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, popularmente conhecido como MST. O território brasileiro, aguerrido para exploração, exalta a desigualdade no país. Neste contexto de luta pelo território, iniciado por indígenas durante a invasão portuguesa (e segue com a aspereza dos garimpeiros), surgem quilombos, movimentos camponeses e, enfim, o MST. Para assimilar essas condições estabelecidas, vamos de encontro à legislação que evoca o direito à terra e as condições sobre elas, lei que transmite a genuidade que se encontra a busca do MST. Segundo o artigo 186 (TJDFT, 2020) “A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

- I - aproveitamento racional e adequado;
- II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
- III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
- IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores.”

Ou seja, a escolha por ocupar um terreno esvaziado se dá a partir da necessidade de “produção de alimentos, de cultura e de conhecimentos” (MST, 2022) de forma harmônica com a natureza, considerando a conversão do território improdutivo. O MST é um movimento que impacta na economia e nas políticas públicas do país, que questiona certas movimentações governamentais e propõe soluções em larga escala, visto seus quase 40 anos de existência, atividades ininterruptas em 24 estados e 450 famílias assentadas (MST, 2022), sendo o maior produtor de arroz orgânico da América Latina. É incontável o número de pessoas

beneficiadas, visto que cada família tem uma estrutura organizada com, no mínimo, duas pessoas. Atualmente mais de duas mil escolas foram construídas em acampamentos e assentamentos, beneficiando mais de 200 mil pessoas, o que gerou parcerias com instituições superiores de ensino para a continuidade da formação. Hoje o MST é o maior movimento social da América Latina (PONTES, 2019).

2.2. Política, educação e história da Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares

Na condição de pobreza e fome, sem moradia, organizam-se centenas de famílias para uma ocupação à base de lonas em áreas muitas vezes afastada dos centros urbanos. Como é possível lutar nestas condições? Pois o Setor Nacional de Educação do MST afirma a educação como princípio ávido do movimento na sua condução. Foi em 1981, na Encruzilhada Natalino³, que surge o cuidado pedagógico como um direito básico e fundamental aos acampados, onde o espaço escolar é construído primeiro. Para tal, era necessário uma proposta político-pedagógica específica a um grupo em locomoção, com pouca infraestrutura e, em alguns casos, longe de qualquer arranjo tecnológico. Verifica-se aí a consequente participação da comunidade na criação desse ambiente. Caldart (2004, p. 145) entende a mobilização das mulheres como ativadoras desse processo para enfim ter-se a participação dos homens e lideranças do movimento. No desencadear-se, as próprias crianças são agentes da luta pela educação em que se autodenominaram “Sem Terrinha”.

As crianças nos assentamentos e acampamentos já estão naturalmente participando da luta, a função da escola é exercitar esse processo (MST, 1992). E ela pode fazer isso de várias maneiras. A escola deve funcionar como uma cooperativa, exercitando a participação de todos (crianças, comunidade e professores), vivenciando a democracia na prática. É espaço para aprender a lutar e para formar integralmente a pessoa, cujas múltiplas dimensões devem ser ali trabalhadas. (DALMAGRO, 2010, p. 175)

³ “O acampamento da Encruzilhada Natalino, organizado de dezembro de 1980 a março de 1982, é apontado por líderes sem-terra como o exemplo de mobilização adotado pelo MST, criado em 1984. Localizado no Rio Grande do Sul, o acampamento chamou a atenção do governo militar de João Baptista Figueiredo.” ACAMPAMENTO FOI EXEMPLO PARA O MST. Folha de São Paulo, 26 de novembro de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2611200616.htm#:~:text=O%20acampamento%20da%20Encruzilhada%20Natalino,militar%20de%20Jo%C3%A3o%20Baptista%20Figueiredo>

Há vários momentos da escola na educação implementada pelo MST. O que se percebe é que a acolhida está em consonância com toda política ao redor, dentro e fora do movimento, isto é, atenta-se ao ensino das escolas regulares, das políticas educacionais e dos planos nacionais, portanto, reverbera discussões de amadurecimento que vão transformando as práticas e alinhando saberes. Dalmagro (2010) nos posiciona sobre a realidade familiar que ocupa os acampamentos e assentamentos “Daí a existência de muitas crianças em acampamentos (e muitas em idade escolar), cuja permanência por meses ou mesmo anos, levantava a questão: o que fazer com elas?” Se no início o objetivo não era trabalhar a dimensão escolar, mas ajudar as crianças a compreender a situação em que viviam, ocupar-lhes o tempo e repassar informações básicas, que passaram a incluir aspectos da escolarização (CALDART e SCHWAAB, 1990 apud DALMAGRO, 2010), atualmente a escola já se torna uma responsabilidade também do estado diante de sua validação de instituição pública e com acesso às mesmas estruturas de uma escola regular.

O objetivo aqui é considerar a história da escola Zumbi dos Palmares, paralela ao do movimento, e chegar a configuração do ensino de artes como possibilidade de memória e registro. A trajetória da escola Zumbi dos Palmares poderá nos ajudar a levantar possíveis variações de dinâmicas no ensino de artes visuais. E para entender melhor como se tornou escola pública de instância municipal, precisamos discernir acampamento e assentamento. Segundo Figueiredo e Pinto (2014) apud Caldart (2004), “(...) os acampamentos podem ser considerados como cidades “de barracos de lona” (p. 176), em uma referência ao material e ao tipo de habitação que são utilizados nessa manifestação social.”. Os acampamentos podem ser construídos na área que se pretende transformar em assentamento, ou à margem de rodovias, do lado de fora das fazendas, etc... Cada um deles demanda estratégias de sobrevivência diferentes (CALDART, 2004).

Figura 1



[s.d.]. Publicado em 29/04/2020. Arquivo do MST.

Os acampamentos têm vivências coletivas para tomada de decisões (FIGUEIREDO e PINTO, p. 563, 2014), uma conjuntura que parece ser benéfica quando tratamos de processos educacionais, pois se pensa em comunidade; atravessamento que culmina na efetivação do assentamento, pois há uma comunhão das identidades, conflitos internos que geram amadurecimentos e “experiência que questiona os padrões culturais prévios dos acampados, levando a uma “mudança de conceitos, de valores, de postura diante de determinadas realidades” (Figueiredo e Pinto apud Caldart, 2004, p. 35). A partir dessa metodologia campal, se houver reconhecimento do governo de que a terra ocupada está irregular - considerando a legislação apresentada anteriormente - , ocorre o assentamento, o que pode levar anos (MORAES, 2019), pois se trata do momento em que entende-se que o MST tem direito sobre o terreno, a paisagem será composta por construções mais sólidas e que atendam as necessidades da comunidade. Mas nem sempre este terreno acomoda todos os acampados, logo uma nova itinerância é organizada para instalação em outro território. Independente do aspecto da ocupação dos sem-terra, a instauração da escola é um dever.

A escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares está na região de Cascavel/PR. Inicialmente itinerante, foi criada em 2003 no distrito de São Salvador/PR, no acampamento denominado Dorcelina Folador. Em seguida, no ano de 2004, passa para a ocupação 1º de Agosto e concomitantemente no espaço Casa Velha, atual acampamento Casa Nova. Com o direito sobre a terra e um novo estágio, em 2014, mudou-se o nome e hoje se encontra no assentamento Valmir Mota de Oliveira. Importante observar que a partir das transições de acampamento para assentamento, também ocorre a transição da categoria da escola de itinerante para municipal ou estadual visto agora uma responsabilidade do estado sobre a manutenção deste povoado.

Linha do tempo da Escola Zumbi dos Palmares⁴:

⁴ Organizada em 2004, por meio de uma ocupação do MST numa das fazendas do Complexo Cajati, em Cascavel, no Oeste do Paraná



Figura 2



Famílias do acampamento Dorcelina Folador trabalham com cultivo de peixes, [s.d.]. Publicado em 10/01/2020.

Foto: Ednubia Ghisi

Durante 15 anos a escola esteve acompanhando os acampados e a ex-diretora Maristela Solda (2018) relembra as estruturas de lona, de tapume, de taquara, de madeira, até que em 2011, é inaugurada com o status de escola municipal no que se tornaria o assentamento Valmir Mota de Oliveira. Hoje “a escola conta com 854,20 metros quadrados de área construída. São seis salas de aula, laboratório de informática, área administrativa, cozinha, pátio coberto e banheiros.” (SILVA, 2018).

O nome da escola não teve modificações, mas o nome do território sim. Para nos inteirmos do uso de nomes próprios e suas mutações, de acordo com estágios das ocupações do MST, é necessário dizer que demonstram culto à memória do movimento. Para isso se dá o nome de topônimos (nomes de lugar) “são fruto de uma escolha por parte do designador, escolha feita de acordo com seus valores e sua visão de mundo, os quais são histórica e socialmente

determinados” (Ruppenthal apud SEIDE, 2013:167). Desde Sem Terras⁵ até apoiadores, ou historicamente reconhecidos pela luta por território. E já que estamos lidando com contextos históricos, é mais que importante sinalizar um pouco da história de quem dá nome ao que é foco da pesquisa. Constatando nomenclaturas parte de um efeito de domínio sobre a sociedade, que envolvem esquemas inclusive de poder sobre propriedades, é substancial que os nomes sejam destaque de uma luta que disputa aquilo que está erguido sobre heranças nominais ou advém de arquivos escritos à revelia em uma invasão que sobrepõe a verdade a partir da supremacia da escrita. Um poder forjado para construção de impérios.

Na história do MST, a mulher chamada Dorcelina Folador foi uma importante política brasileira, atuante principalmente em Mato Grosso do Sul . “Chegou a Mundo Novo⁶ em 1976, onde iniciou sua atuação na Pastoral da Juventude em 1980. Em 1987, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT) e se candidatou a vereadora. Depois foi eleita prefeita de Mundo Novo.” (ENGELMANN, 2021). Teve vários feitos diante de seus 36 anos de vida, incluindo a luta por deficientes físicos, mas foi interrompida ao ser assassinada a tiros. “Foi professora, poeta, artista plástica e em 1989 se engajou na luta pela terra no Estado do MS, militando no MST e fazendo parte da direção estadual desse movimento.” Se tratando de manter a memória de Dorcelina, o MST replica sua trajetória: “seu nome está em escolas, acampamentos e cirandas para que não nos esqueçamos de sua luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Seu exemplo segue sendo símbolo de nossa resistência na luta contra as várias formas de opressão.”(ENGELMANN, 2021)

Já o nome do assentamento origina-se na figura de um líder do MST. Mais conhecido como Keno, Valmir Mota de Oliveira, “era um brigadista do MST, responsável por tarefas de articulação e formação do movimento, dedicado em tempo integral para isso.” (PASSOS, 2007). Em 21 de outubro de 2007, o acampamento da Via Campesina, no campo de experimentos transgênicos da transnacional suíça Syngenta Seeds, em Santa Tereza do Oeste (PR), foi atacado por milícia armada. O militante foi executado à queima roupa com dois tiros

⁵ “Sem Terra com letras maiúsculas é o nome dado ao sujeito constituído pelas lutas do MST. sem-terra com hífen, segundo o dicionário Luft, em sua edição de 1998, é substantivo de dois gêneros e dois números(...)” CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: Vozes. 2004

⁶ Município do estado do Mato Grosso do Sul.

no peito e nos resta sua memória pelo nome. Tanto Dorcelina quanto Valmir sofreram perseguições e morreram por ideais políticos, tratando-se de mártires da história.

O nome da escola, Zumbi dos Palmares, é dado em homenagem ao líder do Quilombo de Palmares. Em resumo, Zumbi foi afrodescendente, nascido livre, mas capturado para servir a missionários. “Por volta de 1678, o governador da Capitania de Pernambuco, cansado do longo conflito com o Quilombo de Palmares, se aproximou do líder de Palmares, Ganga Zumba, com uma oferta de paz.” (SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA DE ALAGOAS, 2022). Nesta ocasião Zumbi rejeita tal declínio à coroa portuguesa e se torna líder do quilombo, perseguido pela coroa portuguesa. Em 6 de fevereiro de 1694 a capital de Palmares foi destruída e Zumbi ferido. Apesar de ter sobrevivido, foi traído (...) e surpreendido pelo capitão Furtado de Mendonça em seu reduto (talvez a Serra Dois Irmãos). Apunhalado, resiste, mas é morto (...) quase dois anos após a batalha, em 20 de novembro de 1695. Teve a cabeça cortada, salgada e levada ao governador Melo de Castro. Em Recife, a cabeça foi exposta em praça pública, visando desmentir a crença da população sobre a lenda da imortalidade de Zumbi. (SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA DE ALAGOAS, 2022)

Pode-se identificar que o MST contrapõem à nomenclatura tradicional da escola brasileira - que normalmente homenageia homens brancos e em grande parte políticos - celebrando memórias que sofreram ou cairiam em apagamento histórico.

2.3. Relatos e feitura de um ensino volante

Para identificar como essa estrutura educacional mutável é erguida nos espaços, entenderemos os conceitos pedagógicos do MST a partir do que foi identificado na constituição e particularidades do movimento. Se tratando da prática em acampamentos, o Coletivo Nacional de Educação, lança a coleção “Fazendo escola”, 2001, onde explicita cinco anos de experiência pedagógica itinerante no caderno nº 4. Nesse momento, no Rio Grande do Sul, a escola itinerante era legalmente reconhecida, desde 1996, pelo Conselho Estadual de Educação. Um dos questionamentos deste caderno é também um dos incutidos aqui: “Como

se organiza uma escola com essas especificidades, de ser itinerante e ser a escola dos Sem Terra?” (CADERNO 4, 2001)

Para dar conta dessa interrogação precisaremos passar pela composição e algumas percepções estruturais do período de constituição da escola itinerante e da atualidade. Trouxe quadros organizacionais sobre atuantes em cada estágio dessa experiência na educação do MST, para reconhecer a experiência próxima na escola Zumbi dos Palmares:

Tabela 1 - Estrutura do ensino do MST, Obra de referência por divisão hierárquica

NÚCLEOS DE BASE	Instância de decisão dentro do acampamento, formado em média por 20 a 30 famílias, que são organizadas por proximidade, de localização dos barracos, considerando os municípios que viviam antes de acampar.
EDUCADORES	São acampados, escolhidos e indicados a partir dos Núcleos de Base ao qual pertencem, a partir das experiências já vividas, das habilidades e desejos de contribuir com a organização da qual fazem parte.
SETOR DE EDUCAÇÃO	Composto por pessoas que estão envolvidas diretamente na escola. Grupo responsável em pensar a educação e a escola no acampamento.
EQUIPE DE EDUCAÇÃO	Composto por educadores e representantes do acampamento: direção, coordenação, pais, mães e educandos. Grupo responsável em pensar a educação e a escola no acampamento.
SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO / ASSOCIAÇÕES DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA	Convênios ao qual são contratados professores e funcionários que prestam seu serviço à escola.

Fonte: Caderno 4 - Escola Itinerante, uma prática pedagógica em acampamentos, (2001).

Esses agentes eram incumbidos de manter o funcionamento da escola itinerante há mais de 20 anos atrás. Cada campo de ação auxiliou em processos complexos que se dão diante de

estruturas muitas vezes precárias, expostas às intempéries e que ocorrem paralelas às condições inerentes a cada família: tensões de saúde física e mental, analfabetismo, pobreza, fome, racismo, xenofobia e as ameaças constantes que uma luta a longo prazo acarreta. Certames do cotidiano comum são instáveis, que dirá quem vive sob risco, ameaça e constante mutação de ambiente. Essas condições podem ter gerado a peculiar forma de tratar a educação pelo movimento.

Na E. M. Zumbi dos Palmares, a professora de artes Cassia da Silva explica um pouco sobre o *Complexo de Estudos*⁷. Denominado por ela “porções de realidade”, Cassia relata que esse processo diferencia a escola tradicional das escolas do MST. Mas evidencia que “nós professores precisamos seguir o currículo municipal de Cascavel, na qual a escola deixou de ser itinerante e foi emancipada.”

(...) esse ano, por conta da pandemia, nós iniciamos o ano letivo com a porção saúde e bem-estar. Todos os conteúdos precisam estar relacionados a essa porção. A cada dois anos mais ou menos é feito o inventário da realidade, nesse ano será feito novamente. Para conhecer as famílias é feito questionários, para compreender melhor o que cada um planta em seu lote, cultiva; se vive da horta, do leite. E, depois disso, é distribuído as porções. (SILVA, 2021)

Os inventários geram a ‘porção de realidade’ que será abordada. Feita atualmente por professores juntamente com educandos e comunidade consiste na realidade de cada estudante. Cassia fala sobre uma reunião de questionamentos feitos considerando diversos fatores de ocupação: a escola atende um assentamento - onde está localizada - e dois acampamentos, ou seja, um possibilita o direito a terra e tem uma rotina específica, os outros dois tem dinamismo "às vezes ficam mudando também, aí vem pra cidade, voltam pra lá... então cada um tem a sua própria realidade e a forma como trabalha no lote.” (SILVA, 2022), algumas perguntas que podem ser feitas, no diagnóstico, se relacionam com a agricultura: "quantas famílias, por exemplo, plantam feijão? Quantas plantam mandioca? Quantas plantam batata doce?”

⁷ Atualmente este é o termo oficial utilizado para a dinâmica explicada, mas já possuiu outras nomenclaturas nos anos passados.

A maioria das pessoas que estão ali, elas têm a renda do lote. Quem não planta nada, arrendou⁸ a terra, por isso que deveria seguir anualmente fazendo esses inventários para ter esses dados, mas às vezes não tem como... no ano passado (2020) por conta da pandemia não foi feito. Então, esse ano vai ser feito, então a gente vai ter esses dados, pra saber o que ano que vem a gente vai poder estar trabalhando com esses alunos. E também muda, sabe, a porção de realidade... não quer dizer que lá no primeiro semestre que foi saúde e bem estar, agora no segundo semestre já mudou né, que é produção de alimentos. Então o nosso currículo, o nosso planejamento vai ter que ser baseado nisso.(SILVA, 2021)

Revela-se aqui um importante ponto de intersecção no ensino de artes interligado à representação da história local. Se entre um a dois anos é feito um recorte da atualidade para ser abordado, podemos entender a produção dos estudantes do MST como uma constante interpretação social. O modo que posiciona todas as disciplinas planejadas a partir de um tema vai consideravelmente mudar as atividades artísticas feitas durante anos, tendo assim um compilado imagético efetivo sobre certos momentos do movimento, nas diversas regiões e conseqüentemente na diversidade de cultura. No entanto, a linha de raciocínio de um currículo municipal não está ligado a esta questão, pois trabalha com linguagens específicas.

A partir dessa ambientação, o Setor de Educação auxilia nas condições sobre as lógicas distintas que existem na instituição escolar e no que compete um ensino a partir do movimento. Suas funções são “dar conta das atividades da escola (...), oficinas pedagógicas, biblioteca, secretaria e outras atividades acordadas no planejamento.” (MST, 2001). Realçando que nos acampamentos e assentamentos toda organização está deliberada de forma que “as pessoas acampadas possam participar ativamente de alguma instância”.

Até aqui entendemos uma dinâmica itinerante e que trata de uma escola não emancipada, mas certos de que atravessa toda vivência educacional do MST para tornar a emancipação possível. Acredito que a escola itinerante ultrapassa a questão espacial e estende à organização, as fronteiras do ensino expandidas a cada ação concretizada pelo movimento, para com a sociedade, e da sociedade para com o movimento. Mesmo respondendo a um

⁸ Arrendar a terra é uma espécie de “aluguel da terra”, embora seus contratos tenham regras específicas, diferentes de um aluguel comum. Basicamente, o arrendatário paga um valor para usar aquela terra por um tempo.

currículo municipal ou estadual, ainda sim funciona como uma constante atualização, pois depende exclusivamente da vivência dos acampados ou assentados.

2.4. Disciplina de artes visuais no plano de uma professora Sem Terra e a configuração do estado da educação

Começaremos acompanhando a fala de professoras do MST e reconhecendo seus contextos. Neste momento da pesquisa a constante sobre contratações na escola era a efetivação de educadores externos concursados - entendendo que estes não tinham ligação com o MST ou assentamentos - ; e cinco professores do movimento.

Além do depoimento da professora Cássia já citada acima, temos entrevistas com outras duas professoras, sendo uma delas a atual diretora da escola. Atuaram em diferentes momentos do acampamento/assentamento, o que é de extrema importância para comparação de dados e afirmação de dados mutáveis durante o tempo.

Elas são promotoras de continuidade de uma educação que prevê um alicerce democrático e de igualdade social, são protagonistas de um cotidiano que mantém a prosperidade do MST e torna diariamente a luta por terra uma potência de edificação de um país-brasil mais justo e que responda às condições violentas vividas por indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pequenos agricultores e demais periféricos que participam do movimento.

Não farei um recorte por série/classe, pois durante os relatos, entendi que as professoras davam aulas para todas as séries disponíveis, atendendo a diversas idades, considerando as necessidades relacionadas ao grau de estudos de cada indivíduo. Outra questão é entender as dinâmicas dentro da condição da E.M. Zumbi dos Palmares indicando um produto histórico imagético possível a partir das artes visuais, não análise crítica de algum objeto.

Parte dos planos de aula serão dispostos nesta etapa, a fim de recolher apenas as partes que interessam para elucidação deste artigo: Quais conceitos de educação artística são evocados pelo MST? Como se dá a formação dos professores de artes? Quais são as referências

utilizadas e desenvolvidas com os estudantes em artes visuais? Os planos de aula também se encontram no ANEXO 2 para melhor visualização.

Esquema 1 - Plano de aula de artes visuais, do 1º ano do Ensino Fundamental

Plano de aula 1º Ano			
CONTEÚDOS (Objeto do conhecimento)	COMPOSIÇÃO/PROCESSOS DE CRIAÇÃO e TÉCNICAS	GÊNERO/SISTEMAS DA LINGUAGEM, MOVIMENTOS E ARTE INTEGRADA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM/ METODOLOGIA
<p><i>Imagem</i></p> <p>Ponto</p>	<p>Composição Figuração.</p> <p>Processos de criação Investigação.</p> <p>Técnica Bidimensional (pintura, desenho, gravura, colagem e fotografia).</p>	<p>Gênero Cenas do cotidiano.</p> <p>Sistemas da linguagem Artista – papel e função.</p> <p>Movimentos Arte na Pré-história.</p> <p>Arte Integrada – Patrimônio Cultural Material – Pinturas rupestres e sítios arqueológicos Brasileiros e Paranaenses. Imaterial – os saberes, formas de expressão.</p>	<p>Dia 11/02</p> <p>Metodologia: (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).</p> <p>METODOLOGIA</p> <p>Contar a história: O ponto que engordou</p> <p>Colar a História no caderno de artes:</p> <p>ERA UMA VEZ UM PONTO QUE ENGORDOU E VIROU UMA BOLA. UM MENINO QUE ESTAVA PASSANDO POR ALI JOGOU A BOLA, QUE CAIU NO MAR, PEGANDO UMA CARONA COM AS ONDAS QUE SUBIAM E DESCIAM. ATÉ QUE, NUM IMPULSO, PEGOU UM PÉ DE VENTO QUE FEZ VOAR ATÉ O SOL. COMO ESTAVA MUITO CALOR, A BOLA SE JOGOU LÁ DE CIMA E CAIU EM UMA CIDADE CHEIA DE PRÉDIOS MUITO ALTOS. A BOLA, ENTÃO, CAMINHOU POR CIMA DELES ATÉ QUE ENCONTROU UM COELHO GIGANTE, QUE A ENSINOU A PULAR. ELA PULOU, PULOU, FOI E VOLTOU PULANDO, PULOU ATÉ CANSAR. AÍ SE ENROLOU E ROLOU ATÉ O PONTO FINAL. DORMIU E PONTO.</p> <p>Fazer um desenho livre.</p> <p>Dia 14/02</p> <p>Desenhar o sol pintar e colar linhas nos raios.</p> <p>A LINHA NA ARTE</p> <p>NA ARTE, AS LINHAS PODEM VARIAR DE DIREÇÃO, TAMANHO, ESPESSURA E COR, POR EXEMPLO: UMA LINHA PODE SER RETA, LONGA, GROSSA E AMARELA, OU, PODE SER CURVA, CURTA, FINA E AZUL.</p> <p>https://br.pinterest.com/pin/12384967716741363/</p> <p>Dia 21/02</p> <p>(PREF15.AR02.d.1.03) Conhecer, reconhecer e explorar os elementos da linguagem visual (ponto, linha, forma, cor, volume, superfície, presentes na natureza, nas obras de arte e imagens do cotidiano, para elaborar composições artísticas).</p> <p>METODOLOGIA</p> <p>Dialogar com os educandos sobre a obra de Romero Brito, cores linhas e forma.</p> <p>Romero Francisco da Silva Britto nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 6 de outubro de 1963. Começou a pintar com oito anos e seus cadernos escolares estavam sempre repletos de pinturas. Desde criança ele colecionava selos e se encantava com o colorido das estampas. Desejava viajar e conhecer o mundo. Estava sempre lendo, pintando e copiando obras de grandes artistas. É um pintor e escultor brasileiro, radicado em Miami, nos EUA, ficou famoso por sua arte pop de estilo alegre e colorida. É um dos artistas brasileiros mais bem sucedidos e</p>

Arquivo da professora Lucimar Ramires. Fevereiro de 2022.

Esquema 2 - Plano de aula de artes visuais, do 2º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDOS	COMPOSIÇÃO/PROCESSOS DE CRIAÇÃO E TÉCNICAS	GÊNERO/SISTEMAS DA LINGUAGEM	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
<p><i>Imagem</i></p> <p>Ponto</p>	<p>Composição Formato da composição.</p> <p>Processos de criação Investigação.</p> <p>Técnicas Bidimensional (pintura, desenho e colagem).</p> <p>Meios Contemporâneos Artesanato (papéis recicláveis).</p>	<p>Gênero Cenas do cotidiano.</p> <p>Sistemas da linguagem Artista – papel e função.</p> <p>Movimentos Arte local</p> <p>Arte Integrada – Patrimônio Cultural Material Imaterial.</p> <p>Arte e tecnologia Jogos eletrônicos e animações.</p>	<p>Objetivos de Aprendizagem</p> <p>Dia 11/02</p> <ul style="list-style-type: none"> • (EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. • (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.). <p>METODOLOGIA Contar a história: O ponto que engordou</p> <p>Colar a História no caderno de artes: ERA UMA VEZ UM PONTO QUE ENGORDOU E VIROU UMA BOLA. UM MENINO QUE ESTAVA PASSANDO POR ALI JOGOU A BOLA, QUE CAIU NO MAR, PEGANDO UMA CARONA COM AS ONDAS QUE SUBIAM E DESCIAM. ATÉ QUE, NUM IMPULSO, PEGOU UM PÉ DE VENTO QUE FEZ VOAR ATÉ O SOL. COMO ESTAVA MUITO CALOR, A BOLA SE JOGOU LÁ DE CIMA E CAIU EM UMA CIDADE CHEIA DE PRÉDIOS MUITO ALTOS. A BOLA, ENTÃO, CAMINHOU POR CIMA DELES ATÉ QUE ENCONTROU UM COELHO GIGANTE, QUE A ENSINOU A PULAR. ELA PULOU, PULOU, FOI E VOLTOU PULANDO, PULOU ATÉ CANSAR. AÍ SE ENROLOU E ROLOU ATÉ O PONTO FINAL. DORMIU E PONTO.</p> <p>AGORA, COM SEU LÁPIS, FAÇA O CAMINHO QUE A BOLA PERCORREU DE ACORDO COM O TEXTO. O CAMINHO QUE VOCÊ TRAÇOU É UMA LINHA.</p> <p>Fazer um desenho livre sobre a história, cada educando contar e apresentar o momento da história que representou.</p> <p>Dia 14/02</p> <ul style="list-style-type: none"> (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.). <p>METODOLOGIA</p> <p>Trabalhar com o desenho do barco destacando as linhas e as formas;</p> 

Arquivo da professora Lucimar Ramires. Fevereiro de 2022.

Ao discorrer sobre a escola itinerante, adentrando no raciocínio educacional do MST e em seguida reunir planos atuais de professoras de artes da escola, visualizando os livros atualmente utilizados, lançamos um paralelo de ensino entre a condição da ordem itinerante para a ordem emancipada. Verificamos nos relatos (ANEXO 1) a insatisfação com o livro didático e entendemos ser um tópico que vai delinear a forma como as imagens aqui serão apresentadas. Primeiro vamos entender as mudanças ocorridas, em 2020, a partir de uma leitura geral na condição pedagógica do MST concomitante a Base Nacional Comum Curricular e a educação formal.

A BNCC consolida-se como mais um instrumento de avanço da hegemonia dos ideais neoliberais no contexto das políticas curriculares nacionais, materializa-se como expressão da Pedagogia do Capital (MARTINS; NEVES, 2012). Orientada pelos organismos internacionais, desde o Relatório Jacques Delors "Educação, um Tesouro a descobrir" (1996) ao documento intitulado "Aprendizagem para Todos - Estratégia 2020 para a Educação do Grupo Banco Mundial" (2011). Disseminam mundialmente uma concepção de educação que objetiva integrar os indivíduos na sociedade com vistas à elevação de produtividade e ao desenvolvimento da nova

sociabilidade exigida pelo capital (FREITAS, 2018). Trata-se de uma concepção (...), que reduz a formação escolar determinada pelas demandas do capital para formar "necessidades básicas de aprendizagem, competências e habilidades" na formação de recursos humanos - "capital humano" (SCHULTZ, 1971). (LEITE, 2021: 6)

A emancipação das escolas do MST se faz necessária para consolidar o direito ao acesso à escola pública, de qualidade estrutural, financeira e instrumental. Somando ao fato de que um assentamento tornar-se ainda mais legítimo, na visão social, se em sua totalidade tenha aparelhos públicos que respondam às necessidades da comunidade e dê a esse grupo condições iguais de vida. Já a sua manutenção prescreve tanto ao município quanto aos assentados. Muitos podem se perguntar: se há uma insatisfação com o currículo municipal ou diretrizes nacionais, por que não continuar itinerante e/ou independente?

Para chegar em algum apontamento, vamos entender a problemática explicitada durante todo artigo. O MST é um dos maiores movimentos sociais da América Latina, em luta por reforma agrária há quase 40 anos. Ocupa todas as regiões do Brasil e é feito por famílias que, produtoras de alimentos, fazem parte escalonar da economia do país e da soberania alimentar⁹. As atualizações da BNCC, ocorridas em 2020, foram assumidas pelo setor privado. Segundo LEITE (2021) foi este setor que entusiasmou o debate de elaboração da BNCC, a partir de entidades filantrópicas-empresariais que representam essas empresas; assim estiveram presentes nas discussões, debates e tomadas de decisões para implantação. "Entre as instituições envolvidas nesse conluio na elaboração e implementação da BNCC, encontram-se: a Fundação Lemann, Instituto Natura, Fundação Itaú Social, Fundação Roberto Marinho, Fundação Bradesco, Gerdau, Santander, Fundação Victor Civita, entre outras (...)" . Este é um desenho de contraposição, são dois panoramas opostos e conseqüentemente com diferentes argumentos sobre o processo da educação.

No entanto, um deles prevê atuar a partir do modo como a comunidade se relaciona com seu meio, fazendo-os ativos e promovendo constantemente adaptações a partir das necessidades

⁹ "É o direito dos povos de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo, definir alimentos saudáveis e culturalmente adequados, produzidos de forma sustentável e ecológica, colocar aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no centro dos sistemas e políticas alimentares, acima das exigências do mercado e das empresas." Fonte: https://pnceu.usp.br/nucleodosdireitos/seminario/wp-content/uploads/2013/08/a-univ-e-a-cidade-na-perspectiva-dos-direitos-Seguran%c3%a7a_Alimentar_e_Nutricional-Nsm2-16h.pdf

impostas ou acidentais, ou seja, o sistema educacional se imprime no tempo, na condição e no indivíduo, se exprimindo na coletividade e suas crenças. O outro não consegue fazer essa leitura pois é pragmático na ideia de uma nação em harmonia com o capitalismo ou como sobreviver a ele minimamente e para alcançar isso não interessa o indivíduo e suas necessidades. Deste exercício resumido, podemos perguntar: quando é educação?

Para esta pergunta, recorro a Paulo Freire que é uma das principais referências na educação do movimento sem terra. Freire (1981) posiciona alguns modelos de educação, mais precisamente o mecanicismo, tecnicismo e economicismo como percepções que não conseguem assimilar o processo da reforma agrária, minimizando os camponeses a “puros objetos da transformação”. Ele ainda situa “(...)que, numa tal perspectiva, de caráter reformista, o importante seja fazer as mudanças para e sobre os camponeses, como objetos, e não com eles, como sujeitos, também, da transformação.”(FREIRE, 1981: 26). É neste ponto de uma observação sobre modelos de educação que instituem o que se deve ou não ser aprendido, sobrepondo a consideração do que se sabe e pode-se ensinar e trocar, que esteja uma possível resposta diante da pluralidade cultural e da heterogeneidade entre as formas de absorção do ensino.

2.5. A produção artística dos estudantes

As imagens aqui apresentadas tratam de atividades propostas pela professora Lucimar Ramires Calaça, no ano de 2022, quando substituiu outra professora em licença. Partiremos para um olhar sobre estas produções, escolhidas a partir dos materiais usados, recursos e também o contexto de criação criado pela professora. A observação dessas imagens não tem como função uma análise técnica ou de cunho especializado. Parte da premissa de que imagens são produzidas, considerando a condição das poções de realidade versus a dinâmica provocada na instauração da BNCC, a partir de 2019.

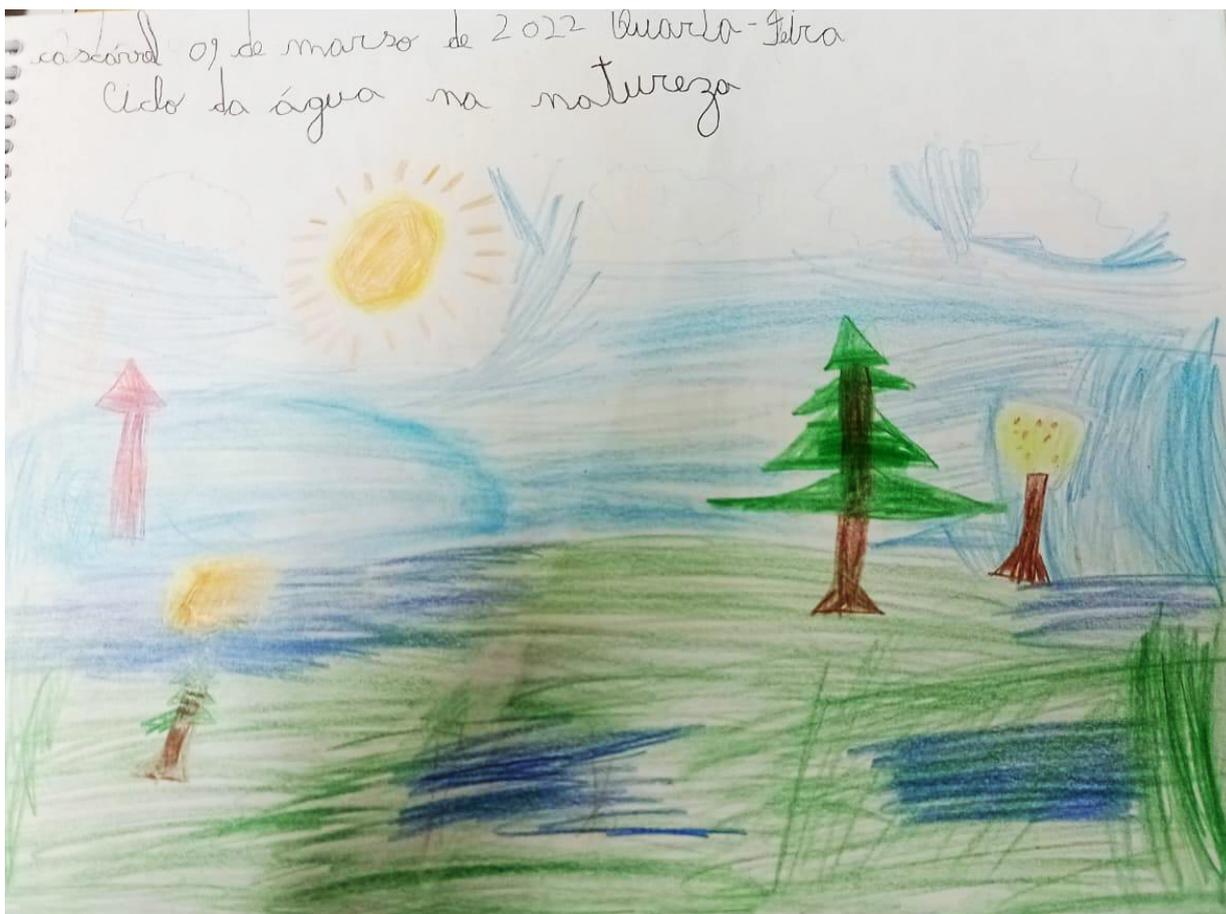
Temos como contexto o assentamento onde se localiza a escola Zumbi dos Palmares, já explorado acima; em seguida os planos de aula desenvolvidos que provocam a atividade; e também informações sobre a poção de realidade delineada no período da criação. Destaco aqui, que em conversa com a professora Lucimar, nem tudo desenvolvido no semestre foi

relacionado ao Complexo de Estudos daquele semestre. Ela utiliza da interdisciplinaridade para alcançar os estudantes e também didaticamente fluir a aprendizagem.

a) Imagem 1

Poção de realidade do semestre: Produção de alimentos

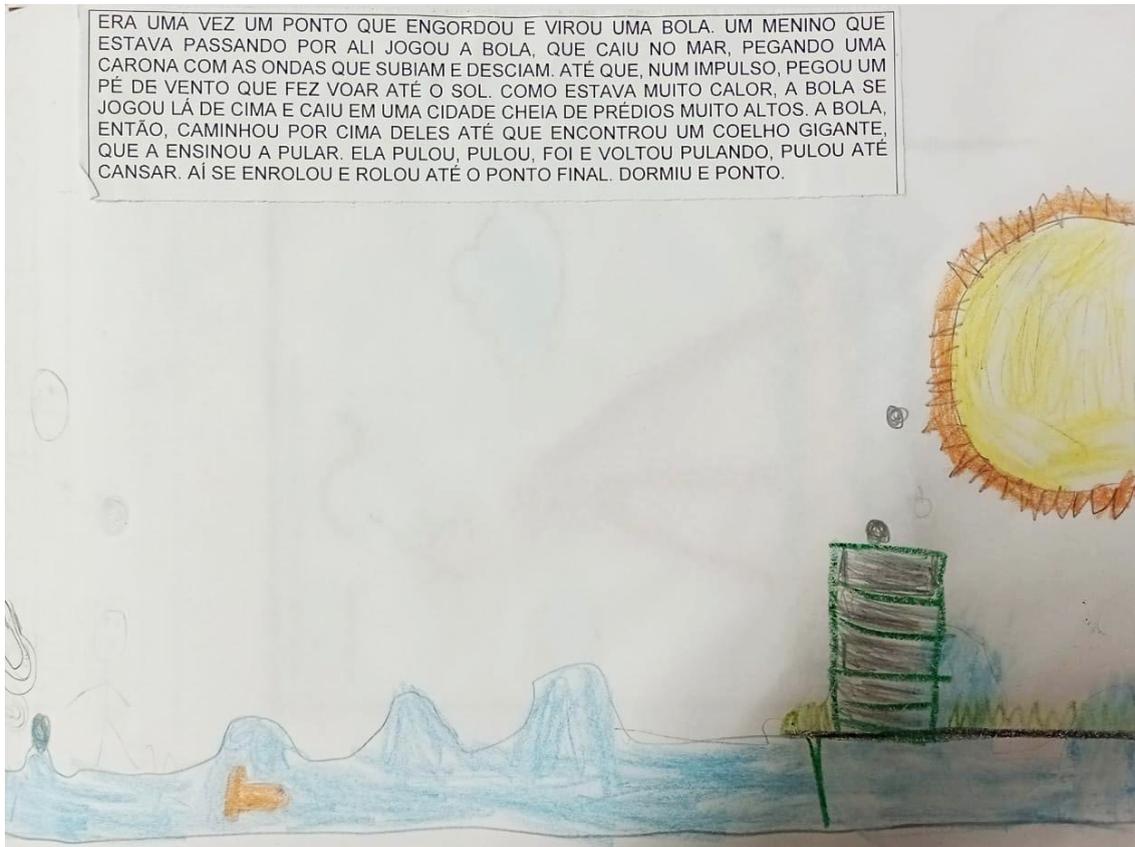
Série: 2º



b) Imagem 2 | 2022

Poção de realidade do semestre: Produção de alimentos

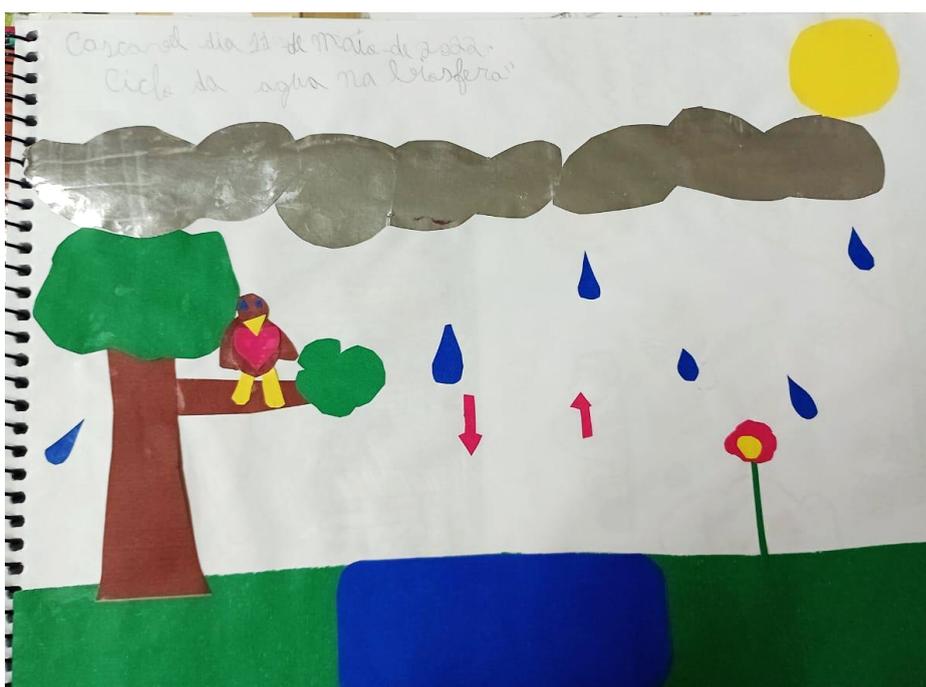
Série: 2º ano

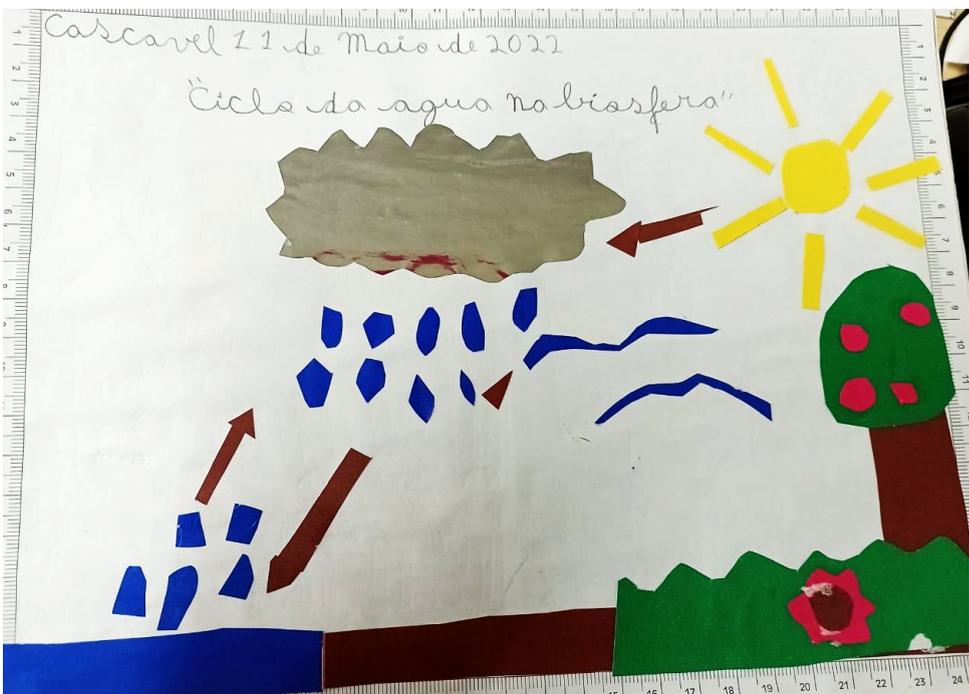
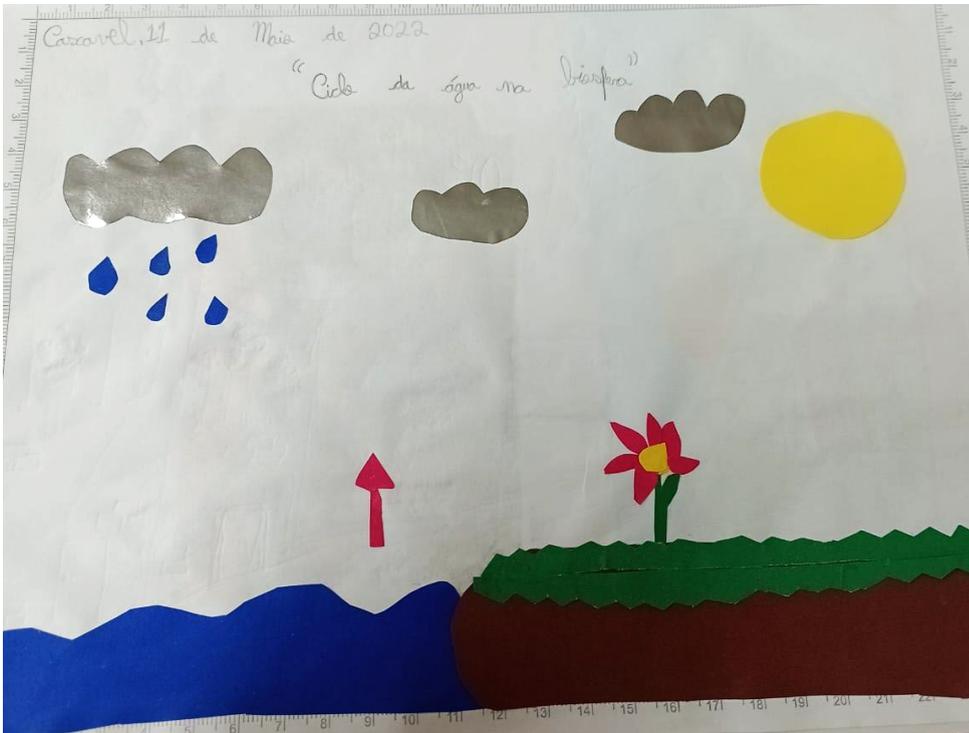


c) Imagem 3, 4 e 5 | 2022

Poção de realidade do semestre: Produção de alimentos

Série: 2º ano





d) Imagem 6 e 7 | 2022

Poção de realidade do semestre: Produção de alimentos

Série: 5º ano



O que essas imagens têm em comum é que ambas passam por um mesmo fio condutor relacionado às competências da BNCC. Todas elas têm por trás, segundo podemos ver nos planos de aula, uma especificação a ser atingida. Os conteúdos de arte da BNCC estão focados em construções lineares de aprendizado, não permitindo, de forma aberta, criações que não tenham estruturas organizacionais previstas.

Podemos arriscar que, com o domínio institucional sobre a educação, verificando as editoras responsáveis pelos livros tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, o desenvolvimento de planos de aulas conjuntos, limitam os processos criativos tanto da metodologia do professor, quanto da estruturação do estudante.

Afinal, o professor, em sua experiência pessoal e única com o coletivo, arranja suas próprias condições metodológicas consequentes de sua relação, seus domínios e suas formas de adaptação. Percebe o tempo da turma diante do seu e elabora suas atividades afim de trocar conhecimentos e não repassá-los.

Com a BNCC há uma complicação no que se refere a arte. Pois em sua estrutura, se define onde quer chegar, qual será a habilidade avaliativa do estudante, visto que, em sua totalidade, essa não é função na condição artística. De certo modo, grande parte dos alunos, em suas respectivas séries, estão produzindo neste momento as mesmas imagens, com mesma técnica e variações de domínio sobre elas. E que professores, mesmo não tendo experiência com alguns processos, estão reproduzindo atividades, mas com sérias dificuldades em explicá-las a seus alunos, pois trata-se de repassar algo que foi criado por um terceiro, em experiência única e possivelmente domina melhor a técnica escolhida que o professor que a aplicará.

Todo este cenário nos leva à perda de singularidades e identidades multiculturais que avançariam o tema do ensino de arte na educação regular. Congela as possibilidades múltiplas de evocar a relação professor-aluno na criação coletiva e nas perspectivas de resultados criativos que vão além de conseguir produzir uma linha ou posicionar um ponto. Se tratando da educação itinerante e das condições do MST, a importância de análise do que seria uma produção conivente com os propósitos do movimento, se perde.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do cenário sobre o qual esse artigo foi escrito tornou-se decisivo para seu desenvolvimento. Tínhamos o primeiro obstáculo de acesso: a pandemia. A orientação era não comparecer à escola devido às condições sanitárias. Desde então a comunicação foi facilitada por aplicativo de conversa, porém, este não seria suficiente, visto que a professora de artes estava em período de gestação e sua licença foi deliberada no primeiro dia de contato. A diretora da escola, antiga professora, também estava em período de afastamento. Esse artigo teve exatamente doze meses de realização e nasceu paralelo a essas crianças.

Acione as professoras substitutas, tive a satisfação de poder contar com três universos de ensino, três condições de atuação. A informação e troca de saberes passou a também ser itinerante, pois mudava a perspectiva, o tempo de prática e métodos. Posto isto, a condição de investigar narrativas de ensino, planos de professores e história do MST e seu sistema educacional foi substancialmente suprida devido a quantidade e qualidade de materiais disponibilizados sobre a educação e história do movimento, além da disposição das profissionais da escola em dialogar e sanar quaisquer questões.

Mas o foco principal é o ensino de artes visuais. Identificar a produção de estudantes e encontrar os impactos da construção e história do MST em sua produção. Encontrar nas professoras a poética do ensino dessa disciplina a partir da paisagem e enfrentamentos cotidianos. Ou seja, acionar a arte visual como representação imagética social e da memória, pensando em sua função expandida de registro. Para este foco, seria inevitável um estudo muito mais amplo, que exige acompanhamento presencial e efetivo, pois trata disso, do ambiente, do cotidiano, das ações, do que se vê, se move e se integra. Logo o artigo levanta a provocação para ter continuidade em outra esfera, que agora pode ser possível com a estabilidade da condição pandêmica.

Sobre os pontos de interesse elencados no início do artigo, algumas considerações:

a) o impacto da história e estrutura do MST no ensino de artes visuais:

A aplicação das poções de realidade no método de ensino por si só já determina as percepções da história e estrutura do movimento no ensino. E se torna uma condição atualizada de acordo com as circunstâncias, ou seja, não se trata de cravar um momento histórico e por ele ser dirigido, mas aceitar suas modificações contemporâneas e renovar as formas de compreensão. Se as poções consideram a realidade atual da comunidade local, ela está intimamente ligada à cultura e sociedade ali situada e, ao mesmo tempo, refletindo as fricções políticas e sociais do estado, afinal esta repercute na condição de vida dos moradores/estudantes. Temos a condição geográfica do movimento, que está em todas as regiões do país, como um triunfo para análise das culturas e produções artísticas a partir das poções, assim também temos uma possibilidade de mapeamento, elencado ao ensino, de organização do MST. Se

tivéssemos oportunidade de visualizar as produções artísticas de estudantes da escola Zumbi dos Palmares desde sua criação, teríamos um encontro de gerações, percepções e arranjos da comunidade; as implicações de possíveis conflitos vividos durante os dezenove anos de existência.

- b) a organização curricular e referências de uma escola do campo *versus* a concepção generalizada do que seria ensinar arte e a partir de quê:

Os planos de aula disponibilizados pelas professoras¹⁰ estão de acordo com as condições da BNCC, ou seja, são planos de uma escola emancipada e que segue o currículo municipal e estadual, diferente de uma escola itinerante. Também é utilizado um livro específico que, durante o artigo, é possível perceber o embaraço entre a condição das aulas e a utilização do livro, minando muitas vezes o processo das poções. Há dificuldade das professoras em fluir com os estudantes a partir de uma realidade endereçada nos livros, que não atinge as condições do movimento, porém é definido em sua relação cultural.

- c) as compreensões históricas construídas a partir da produção artística na comunidade:

Essa abordagem está defasada e geraria um outro trabalho, visto a necessidade de análise de cada produção, envolvimento presencial, acompanhamento dos processos até chegar na produção em si. Um recorte elaborado para firmar uma condição e paralelos históricos. No entanto, temos a fagulha gerada pela condição apresentada pelo ensino de artes na escola Zumbi dos Palmares.

- d) reconhecer métodos de ensino de arte advindos de estruturas diferentes das comumente abordadas:

Dar o protagonismo ao ensino de arte desenvolvido pelo MST, para além da produção de estudantes, mas também da forma de ensino e habilidades dos professores, foi um processo natural. Se, no início, a imagem era a essência do interesse, durante a pesquisa o mais importante torna-se identificar como professores provocam os estudantes em meio às demandas do movimento em sua estruturação territorial, grupal e de afeto. Os professores do MST são autores de uma educação ímpar e traduzem ao

¹⁰ Ver anexos página X X X X

mundo referências em práticas efetivas. Em artes visuais, na simplicidade de destacarem sua própria vivência, formam um conjunto contra hegemônico de formas de ensino e interpretação da arte e, enfim, da sua concretização.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Vozes. 2004, 277 p.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. LEI Nº 13.278, DE 2 DE MAIO DE 2016.

Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13278-2-maio-2016-782978-publicacaooriginal-150222-pl.html> . Acesso em: 30 de set. 2021

CAMARGO, Aspásia. **Ligas Camponesas**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/7794> . Acesso em: 05 out. 2021.

DALMAGRO, Sandra. **A escola no contexto das lutas do MST**. 2010, 312 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

ENGELMANN, Solange. **Assassinato de Dorcelina Folador completa 22 anos**. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/10/30/assassinato-de-dorcelina-folador-completa-22-anos/>. Acesso em: 30 de out. 2021.

FIGUEIREDO, G. C.; PINTO, J. M.. **Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra**. Psicologia & Sociedade, 26(3). 2014. 562-571.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Acampamento foi exemplo para o MST**. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/biblioteca/documentos/copy_of_ModeloTCCUNILAVersoPDF_junho2021.pdf. Acesso em 21 set. 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981. 149 p.

LEITE, V. J.; POROLONICZAK, J. A. **CURRÍCULO E RESISTÊNCIA ATIVA: a luta político-pedagógica das escolas do campo nos assentamentos e acampamentos do MST – Paraná**. Revista Espaço do Currículo. 2021. v. 14, n. 2, p. 1-18.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Surge o MST**. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>. Acesso em: 10 out. de 2021.

_____. **A História da luta pela terra.** Disponível em:
<https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>. Acesso em: 01 out. de 2021

MST. DOSSIÊ MST ESCOLA. **Escola itinerante, uma prática pedagógica em acampamentos.** São Paulo, [s.n.], 2001. (Coleção Fazendo Escola, n.4) .

PONTES, Nádia. **A vida num acampamento do MST.** Disponível em:
<https://www.dw.com/pt-br/a-vida-num-acampamento-do-mst/a-50470212#:~:text=Fundado%20h%C3%A1%2035%20anos%20para.mil%20pessoas%20no%20interior%20paulista.&text=Pela%20antiga%20porteira%2C%20vigiada%2024,passam%20conhecidos%20ou%20visitantes%20aguardados.> Acesso em: 01 out. 2021

SCHWARCZ, Lília. Lendo e agenciando imagens:: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia & Antropologia.** Rio de Janeiro, v.04.02: 391– 431. 2014. Disponível em:
https://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/v4n02_05.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **O direito à propriedade e o cumprimento de sua função social.** Disponível em:
<https://www.tjdft.jus.br/consultas/jurisprudencia/jurisprudencia-em-temas/direito-constitucional/o-direito-a-propriedade-e-o-cumprimento-de-sua-funcao-social>. Acesso em: 05 out. 2021.

MST. DOSSIÊ MST ESCOLA. **Escola itinerante, uma prática pedagógica em acampamentos.** São Paulo, [s.n.], 2001. (Coleção Fazendo Escola, n.4) .

PASSOS, Edésio. **A morte do líder do MST e a ação das milícias armadas.** Jornal Tribuna . 2007. Disponível em:
<https://tribunapr.uol.com.br/noticias/a-morte-do-lider-do-mst-e-a-acao-das-milicias-armadas/>. Acesso em: 30 de out. 2021

RUPPENTHAL, Daniel S. **Nomeação de escolas como homenagem à histórica local do município paranaense de Marechal Cândido Rondon.** Onomástica Desde América Latina, n.3, v.2, janeiro - junho, 2021, p. 154. Disponível em:
<https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25692/pdf>. Acesso em: 30 de out. de 2021.

SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA DO ALAGOAS. Alagoanos ilustre: **Zumbi dos Palmares.** Disponível em:
<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoas/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/zumbi-dos-palmares> . Acesso em: 14 jun. 2022.

SILVA, Cássia. [**Porções de realidade**]. Whatsapp: [conversa individual]. 06 de outubro. 2021. 11:39. Celular.

SILVA, M. **Escola municipal do campo Zumbi dos Palmares é inaugurada no Paraná.**

Disponível em;

<https://mst.org.br/2018/03/19/escola-municipal-do-campo-zumbi-dos-palmares-e-inaugurada-no-parana/>. Acesso em: 05 de nov. 2021.

VIDAL, Diana. **NO INTERIOR DA SALA DE AULA: ensaio sobre cultura e prática escolares.** Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1, pp.25-41, Jan/Jun 2009

ANEXO I - Entrevista com professoras de artes do MST

Há variações de perspectivas que surgiram, sem necessariamente serem provocadas ou pensadas. As falas enviadas foram transcritas fielmente e separadas por temática de interesse. Algumas foram utilizadas no decorrer dos textos acima, visto documentação e representação da abordagem.

Conversa 1 - professora afastada¹¹ Cassia Carine da Silva, da Escola Municipal Zumbi dos Palmares, Assentamento Valmir Mota de Oliveira, Cascavel/PR.

Realizada a partir de: 06 de outubro de 2021 até 23 de maio de 2022, por rede Whatsapp.

a) Formação

“Sou formada em pedagogia pela UNIOESTE, no ano de 2014 eu me formei. Sou concursada na rede há quase 6 anos. Eu tenho dois padrões: no período matutino atendo a hora-atividade na qual está incluso a arte e a tarde eu tenho uma turma de primeiro e segundo ano; como não deu aluno essas turmas ficaram juntas. Para trabalhar no município, diferente do estado, você precisa ser graduado em pedagogia. Então, por exemplo, se eu fosse formada em arte, eu já não conseguiria fazer o concurso (...). Então, na rede municipal, você tem que ter licenciatura plena pra poder estar trabalhando com as crianças. Nós atendemos alunos da pré-escola até o quinto ano.

E essa questão de tempo é uma coisa que muda todos os anos, porque na escolha de turma é por pontuação, conta o mestrado (...), a pós graduação, o tempo na escola, o tempo na rede... então é feita uma tabela com todos esses pontos e aí quem tem a pontuação maior, escolhe primeiro e assim sucessivamente. Nesse ano, eu fiquei na escola com a hora-atividade e o ano passado também eu tinha ficado, mas é muito esporádico assim sabe, muda todo ano, é um professor que fica, quem se identifica também, as vezes a diretora acaba conversando, então não tem como dizer assim “ah eu trabalho faz três, quatro anos com a disciplina de artes”, ainda não. Eu trabalhei ano passado (2020), mas acredito que não conta muito, porque como era época de pandemia, a gente não conseguiu elencar todos os conteúdos que tinha que

¹¹ Afastamento ocorrido por gestação.

trabalhar com os alunos; era algo assim mais pra pintura, era algo que eles conseguissem fazer em casa sozinhos.

(...)

Então hoje, eu não trabalho para o MST, eu trabalho pra rede de Cascavel, inclusive qualquer um de nós que estamos na escola, que somos concursados a gente pode ser lotado em qualquer lugar da rede. Claro que na escola tem as meninas que moram ali no assentamento, nos acampamentos e que por conta da dinâmica, da distância, estão lotadas nessa escola, mas às vezes tem sobra de professor no quadro, então todos esses têm que ser colocados em outros locais. Hoje, na escola, todos que estão ali são concursados ou passaram por algum tipo de teste seletivo. Antes, que eu sei, da escola ser emancipada, fazia essas contratações direta com o MST, eles não utilizavam o currículo do município de Cascavel e parece que era o currículo AMOP¹² e o PPP¹³ que era específico para estar trabalhando somente o que estava relacionado ao Movimento Sem Terra.”

b) Material didático

“Vou ser bem realista contigo. Os livros de arte são uma decepção para nós. São os livros que a secretaria nos enviou. Ele não é o mesmo da cidade. Eles fizeram o livro pensando nas crianças do Campo, porém o livro não segue nem o que o MST trabalha e muito menos o que tem na grade curricular do município de Cascavel.

(...)

Eu percebo que a gente tem dificuldade em usar esse livro, porque eu tenho que seguir a grade curricular do município de Cascavel, então tem muitas coisas que tem na grade, que não tem no livro. Eu não consigo utilizar ele, e isso é uma dificuldade que a escola tem porque demanda de muitos materiais. Então, se eu vou trabalhar com uma determinada atividade, tenho que imprimir um monte de coisas pra conseguir atender toda turma, eu vejo que é um livro pra quando vem poucos alunos, porque inclusive, a gente tem essa dificuldade de não ter livro para todos os educandos, eu consigo colocar o livro pra ser utilizado quando eu vou complementar alguma atividade, agora não tem como usar somente o livro pra trabalhar a disciplina de arte, impossível.

(...)

¹² AMOP = Associação dos Municípios do Oeste do Paraná

¹³ PPP = Projeto Político Pedagógico

Como te disse eu tenho dificuldade de estar montando meu plano didático, porque o livro, ele não acompanha o planejamento e nem o currículo do município, então tudo que a gente vai fazer precisa ser adaptado. Não tem como eu pensar uma atividade a partir do livro. Se você analisar o livro que está disponível na escola e acredito até que na internet possa ter alguma coisa (...), são poucas coisas que dá pra trabalhar com os alunos; têm informações ali que não batem com o currículo, por exemplo, em arte a gente trabalha música, trabalha teatro e tem coisas ali que são muito supérfluas, sabe? Não tem como eu estar focado somente no livro didático, eu preciso aprofundar esse conteúdo e através do livro não tem como.”

Livro utilizado¹⁴



c) *Ensino de artes visuais*

“O que difere a nossa escola das outras escolas do campo, do distrito de Cascavel e da cidade, é que na nossa escola o método de avaliação é somente por parecer. A gente não preenche aquelas fichas avaliativas que tem em todas as outras escolas da rede. A gente tem o parecer mensalmente, que a gente tem que escrever sobre o aluno, como ele está se desenvolvendo e no final de cada trimestre, se encerra essa avaliação e os pais vêm na escola ler o que foi feito, quais são as dificuldades dos alunos, o que a gente, enquanto professor pode melhorar

¹⁴ Os livros são atualizados anualmente. Aqui demonstro o datado de 2021 considerando os relatos dirigidos a este ano e anos anteriores.

nesse quesito e no planejamento. Então é feito esses inventários, a partir da realidade de cada aluno, é montada as porções. Acredito que esse ano né, como vai ter esse inventário que te falei, traz os dados pra escola: quantas famílias, por exemplo, plantam feijão? Quantas plantam mandioca? Quantas plantam batata doce? Então, cada família que tem o seu lote ela tem uma realidade diferente, porque como a gente atende um assentamento, que é onde está localizada a escola, as pessoas já foram assentadas ali, já tem o direito da terra; e dois acampamentos, que às vezes tem pessoas que não foram assentadas né, está acampadas, não foram assentadas, as vezes ficam mudando também, aí vem pra cidade, voltam pra lá... então cada um tem a sua própria realidade e a forma como trabalha no lote.

A maioria das pessoas que estão ali, elas têm a renda do lote; quem não planta nada, arrendou a terra, por isso que deveria seguir anualmente fazendo esses inventários para ter esses dados, mas as vezes não tem como... no ano passado (2020) por conta da pandemia não foi feito. Então esse ano vai ser feito, então a gente vai ter esses dados pra saber o que ano que vem a gente vai poder estar trabalhando com esses alunos. E também muda, sabe, a poção de realidade... não quer dizer que lá no primeiro semestre foi saúde e bem estar, agora no segundo semestre já mudou né, que é produção de alimentos. Então o nosso currículo, o nosso planejamento vai ter que ser baseado nisso. Um exemplo também... eu tenho 1º e 2º ano, eu tenho que trabalhar gênero textual e o gênero era 'receita', então lá, através da história da galinha ruiva, que eu conto, onde tem a plantação de milho... então eu vou ter que partir dessa realidade do aluno pra conseguir montar a minha aula. Sempre partindo da realidade do aluno... Então a professora questiona: "Vocês tem milho em casa? O que a mãe utiliza pra fazer o milho? Como é a plantação?" Então sempre sem desconsiderar a vivência do aluno.

Sobre o ensino da arte nas escolas do campo, inclusive no MST, acredito que eu tenho um espaço muito mais amplo para estar abordando alguns eixos do que na cidade. Porque nós temos o espaço livre, na escola a gente tem as árvores... esses dias eu fui trabalhar textura com as crianças, eu consigo encontrar vários materiais no pátio da escola para estar mostrando pros alunos, então assim, tem recursos que eu não preciso comprar pra estar levando, até porque nossa verba é muito escassa na escola, então a gente tem que aproveitar ao máximo de material que a gente já tem, pra não precisar ficar comprando. Então eles encontraram areia, encontraram pedra, tinham as folhas das árvores... foi uma atividade bem legal que a gente

fez, que eles não precisaram trazer nada de casa e eu não precisei também levar. No próprio pátio da escola tinha tudo isso, essa é a facilidade, se eu fosse trabalhar na cidade, tem coisas que os alunos não conhecem. Os nossos alunos, nesse quesito, como os pais são da roça, eles têm contato direto com a natureza, então qualquer tipo de atividade que você for fazer com eles, eles vão conseguir fazer e eles têm um conhecimento prévio sobre isso.”

Conversa 2 - diretora afastada¹⁵ Angela Lisboa Gonçalves.

Realizada a partir de 16 de março de 2022 até 25 de maio de 2022, por rede Whatsapp.

a) Formação

“Eu sou pedagoga e a gente dividia as aulas aqui, todo mundo dava todas as aulas. Aqui eu dava aula desde 2009, depois quando foi pra lá (aqui Angela explica o fator da itinerância... assim que o acampamento Resistência Camponesa se deslocou para o território de assentamento, este fora denominado Walmir Motta e conseqüentemente houve a mudança da escola) foi em 2014 e continuo até hoje. (...)

A gente no MST, no início, a nossa base é o Paulo Freire, a gente trabalha muito os temas geradores e depois a gente trabalha com os complexos, a gente foi inserindo os russos, o Pistrake, a Cupiskai, o Makarenko, o Chunguin, o Vigotsky, são os russos hoje a nossa base pra entender nossa pedagogia e construir a pedagogia do MST. Hoje a gente consegue ter uma pedagogia da nossa identidade com as matrizes formadoras, com o sujeito que a gente quer formar.”

b) Material didático

“Acho que dar aula num espaço itinerante, eu penso que a proximidade com a comunidade é bem boa, o que facilita muito o trabalho, apesar das condições de trabalho ser muito precárias, porque a gente trabalhava em barraco de lona, comida nem sempre o estado dava, era chão, a gente não tinha luz, não tinha água, mas a gente tinha a comunidade sempre perto, então essa proximidade era muito boa. A gente não tinha uma máquina para fazer cópias. Enfim, a gente tinha um quadro, às vezes tinha giz de sobra, às vezes não tinha e era esse nosso material de trabalho. (...) Mas eu penso que o trabalho ali era bem intensificado, a gente fazia as reuniões coletivas, quando tinha reunião pedagógica, quanto era o conselho de classe a gente fazia

¹⁵ Afastamento ocorrido por gestação.

participativo, então todas as famílias do acampamento participavam. A escola era uma escola muito viva dentro da comunidade.”

c) Ensino de artes visuais

“Às aulas de artes eram difíceis... a gente reproduzia algum material na mão pra trabalhar com os educandos, conteúdos que a gente precisava. Mas era tudo nessa condição, essa condição da falta de tudo(...) a única coisa que a gente tinha era lápis de cor, às vezes régua, às vezes não. Enfim, a gente trabalhava com o que dava.”